



O IDH percebido

Marcelo Neri

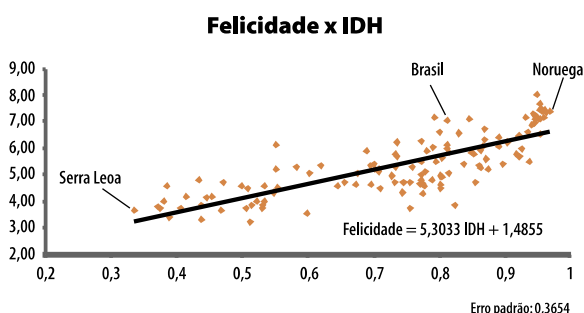
*Economista-Chefe do Centro de Políticas Sociais do IBRE e da EPGE
(mcneri@fgv.br)*

O relatório pioneiro das Nações Unidas de 1954 avançou a idéia que a renda *per capita* não deveria ser encarada como o único indicador para medir o nível de bem-estar social. A ampla literatura que se seguiu convergiu na formação do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) apropriado no começo dos anos de 1990 pelas Nações Unidas. O IDH reúne, além do PIB *per capita* ajustado por diferenças de custo de vida, indicadores de saúde (expectativa de vida) e de educação (taxa de analfabetismo e de matrículas aos três níveis de ensino). As críticas ao IDH como indicador de qualidade de vida são muitas. O caráter *ad hoc* do IDH é reconhecido inclusive por seus criadores: Amartya Sen se referiu a ele como uma medida de bem-estar vulgar.

Entretanto, quer se goste ou não do IDH, ele é o indicador multidimensional mais usado atualmente. O fato de o IDH usar de maneira simples estatísticas disponíveis para um grande número de países e pelo fato destas estatísticas se referirem a áreas-chave da política pública como economia, saúde e educação, explicam a popularidade do conceito. O IDH foi o primeiro índice social mundial, oferecendo a possibilidade de comparação de

ranking de áreas cruciais da vida humana, facilitando o pensar global, agir local. Tratamos neste artigo de como as pessoas em diversas partes percebem os elementos do IDH e como este se traduz no nível de felicidade reportado pelas pessoas.

Felicidade — A aproximação de felicidade aqui utilizada seria o dado de satisfação presente com a vida calculada a partir do Gallup World Poll 2006, cujo acesso foi concedido em projeto realizado para o Banco Inter-Americano de Desenvolvimento de onde os resultados aqui relatados provêm. O fato da base de dados cobrir 132 países mais do que qualquer outro *survey* sobre variáveis subjetivas, como felicidade, feito até então, usando o mesmo questionário para cada país. Este expediente nos permite aproximar da abrangência do IDH, cuja maior virtude é ser um índice globalizado. Isto é, um dos poucos que fala dos cidadãos do mundo para os cidadãos do mundo; e não dos países mais ricos que dispõem de dados mais confiáveis. Apresentamos no Gráfico 1 a relação entre IDH e a felicidade, medida como uma nota de zero a dez dada pelo indivíduo com respeito a sua satisfação com



Fonte: CPS/FGV a partir do processamento dos microdados do Gallup World Poll 2006 e Human Development Report.

a vida. A alta correlação releva que desenvolvimento humano e felicidade, percebida pelas pessoas, caminham de mãos dadas.

Um dos aspectos que mais incomoda a maior parte dos usuários do IDH agregado, como discutido acima, seria a ponderação arbitrária na soma de seus componentes: um terço para cada um dos três deles. Discutimos aqui uma estratégia para o cálculo dos pesos do IDH através do uso explícito da mesma função felicidade subjetiva. A nossa proposta foi calcular o peso através de uma regressão de felicidade contra os quatro componentes do IDH isolados.

Para os não iniciados em regressão em estatística, ela não tem nada a ver com vidas passadas. Usamos a técnica de regressão dos mínimos quadrados circunscritos, impondo a restrição de que a soma dos coeficientes estimados seja a unidade a fim de determinar o peso de cada componente do IDH na felicidade. Ela é um procedimento estatístico que escolhe os coeficientes, no caso os pesos, de forma a maximizar a parcela de felicidade explicada pelos componentes do IDH em questão. Transformando uma longa estória, os pesos calculados foram os seguintes: 66,43%, para renda; 31,03%, expectativa de vida das pessoas; 2,24%, por taxas de matrículas aos três níveis de ensino; e 0,3%, para a taxa de analfabetismo.

Outro objetivo nosso foi construir um Índice de Desenvolvimento Humano Percebido (PHDI — Perceived Human Development Index), mediante a reunião dos elementos do IDH, a saber: indicadores de renda, saúde e educação, em suas versões subjetivas. Ou seja, as reportadas em respostas quantitativas sobre aspectos qualitativos da vida das pessoas. A fim de elaborar tais índices subjetivos utilizamos técnica de componentes principais sobre o vasto conjunto de perguntas incluídas na pesquisa, para reduzir a dimensionalidade do problema. Por exemplo, o quesito renda inclui pergunta nos últimos 12 meses se a família passou fome, outra se faltou renda para cobrir despesas de habitação ou ainda entre outras perguntas se faltou renda para comprar alimentos.

É a educação, estúpido!

O baixo peso dado a soma das variáveis associadas à educação de 2,54%, no caso objetivo, ou 1,4%, no subjetivo, talvez seja o aspecto que mais chame a atenção dos cálculos das diferentes áreas na felicidade. Há tempos conclui que os políticos brasileiros não se preocupavam com educação, pois os beneficiários diretos, as crianças, não votam. Depois, vendo os resultados de pesquisas de opinião do IBOPE, percebi que o brasileiro em geral não se importa com educação, a sétima em prioridades públicas, lugar que se manteve inalterado mesmo depois de um ano de ênfase dada pelo governo federal e pela sociedade civil, cujos melhores símbolos de atuação são respectivamente o Plano de Desenvolvimento Educacional (PDE) e o Compromisso Todos pela Educação. Uma pessoa mais educada abre os seus horizontes e neste processo talvez se angustie mais com isso. O analfabeto pode se dar ao luxo de não saber de muita coisa, sem se sentir mal com isso. Um dos principais produtos de uma boa política educacional é revelar ao homem comum o valor da educação. Educação gera educação.

Perguntas diretas sobre a qualidade percebida da educação em áreas com alta educação no Brasil, feitas no município do Rio de Janeiro pela ONG Rio, Como Vamos, a colocam num patamar muito acima de outras áreas como de saúde e segurança que assaltam a nossa consciência social a todo o momento. O fato é que as avaliações subjetivas de educação estão em desacordo com as estatísticas objetivas comparadas.

À luz dos resultados aqui apresentados, chego à conclusão de que a população mundial também não se importa muito com a educação. É importante ter em mente que o peso das duas variáveis associadas à educação e calculadas se comparando países com a mesma renda e a mesma expectativa de vida. O ganho de renda e de longevidade são dois dos efeitos mais fundamentais das ações na área de educação como variável meio. Os economistas brasileiros deveriam saber disto pelo menos desde o trabalho seminal de Carlos Langoni, em 1973, e os médicos sempre chamam a atenção da educação como a principal política de saúde preventiva, o que a maioria dos técnicos de diferentes áreas concorda. Se quisermos vencer a batalha do desenvolvimento humano, em nossa cidade ou no nosso país, é preciso reconhecer onde estamos como pais e educadores. É preciso ainda transcender a variável educação como variável meio e percebemos o valor intrínseco da escola. Por ora, não sabemos que nada sabemos, nem desconfiamos disso!

A alta correlação indica que desenvolvimento humano e felicidade geral das nações caminham de mãos dadas

componentes principais. Em outras palavras, além de não desperdiçar informações, deixa de incorrer em arbitrariedades envolvidas na escolha de questões a serem processadas que poderiam enviesar os resultados da pesquisa. Depois de retirada a redundância de informações, contidas em várias perguntas similares, os componentes principais são normalizados num indicador de zero a um, replicando a metodologia do IDH original.

Ao repetirmos os procedimentos mais acima para calcular os impactos dos componentes agora subjetivos do IDH que nós calculamos sobre felicidade, chegamos aos seguintes pesos: 81,88%, para renda; 17,99%, saúde; e 1,4%, educação. Este último é o único coeficiente não significativo dos estimados, ou seja, não rejeitamos a hipótese que o peso é nulo. Em suma, tomando os dois tipos de exercício felicidade realizados contra dados felicidade, qual seja dados objetivos do IDH e dados avaliação subjetiva dos componentes do IDH, a renda seria responsável entre 2/3 e 4/5 dos pesos da felicidade. Esta ponderação atribuída à renda é uma ponderação menor, mas não muito menor que a unidade daqueles que omitem outras dimensões do desenvolvimento humano. Neste sentido estaríamos próximos de completar um giro de 360 graus, iniciado a mais de meio século, voltando a dar alto peso à riqueza na determinação da felicidade geral das nações (leia o box).

Percepções — Estudamos agora como as percepções de satisfação dos indivíduos de um país com relação a sua renda, educação e saúde estão relacionadas com seus equivalentes objetivos tais como medidos no IDH. Utilizamos toda amostra de 132 países, propiciando a oportunidade de estudar o impacto dos componentes objetivos do IDH observados ao nível dos países na formação da percepção do indivíduo a respeito das áreas-chave e da satisfação com a vida.

Esses exercícios fornecem importantes *insights* sobre essa dinâmica do ponto de vista dos beneficiários para entender o mecanismo que transforma os ingredientes-

Correlação — Obviamente, as respostas a estas questões de insuficiência de renda são altamente correlacionadas entre si. Poderíamos optar por uma das questões, mas preferimos que a seleção fosse feita de maneira exógena e ótima através do uso da técnica de compo-

ntes principais. Os componentes agregaram naturalmente o conjunto de variáveis em dois tipos de indicadores sobre componentes internos (IN) e externos (OUT). Os primeiros se referem diretamente à vida dos entrevistados e os segundos ao contexto (país, cidade) em que está inserido.

Este resultado empírico se encaixa perfeitamente nas dimensões de qualidade de vida propostas por Veehoven, o que constitui um resultado relevante em si. Os dados objetivos e subjetivos de cada uma das três áreas do IDH estão positivamente correlacionados entre si, conforme as regressões entre países que a tabela abaixo sugere. No caso de renda, os resultados apresentados se referem ao componente de privação de renda que aparece com o sinal negativo conforme esperado.

Por fim, traçamos o ranking agregado dos dados anexados do PHDI sintético para 110 países calculados, usamos apenas os componentes percebidos sobre as pessoas acerca delas mesmas e não os componentes externos do país. O Brasil se situa em 62º lugar do ranking agregado de PHDI quando usamos pesos iguais nos três componentes subjetivos, mas sobe para 41º quando usamos os pesos estimados acima (66%, renda; 31%, saúde; e 2,5%, educação).

Em todos os casos, de acordo com a percepção dos brasileiros, não estaríamos no grupo dos países de nível de desenvolvimento humano percebido alto. O resultado subjetivo reflete o que acontece nos dados objetivos de desenvolvimento humano: a nota percebida do Brasil no econômico supera a atribuída do social. Balizando-nos pela métrica de pesos iguais, o pódio de países do PHDI sintético seria Singapura, Finlândia e Irlanda. Singapura é o 25º e a Finlândia ocupa o 11º do IDH, liderado por outros países nórdicos — Islândia e Noruega, esta líder do ranking mundial de felicidade. Existe uma correlação de ranking próxima entre indicadores do IDH e do PHDI de 0,7.

Olhando para o outro extremo do ranking, os três últimos são Haiti, Chade e Ucrânia, cuja posição surpreende, mas na verdade é acompanhada de outros países fragmentos do antigo bloco soviético. As percepções de qualidade de vida das pessoas destes países em franca decadência têm chamado a atenção dos analistas. Ao passo que no caso reverso ocupam posição de destaque países produtores de petróleo beneficiado pelo terceiro choque ora em curso, como Emirados árabes (4º), Kuwait (6º) e Arábia Saudita (21º). Estes dados sugerem que não só o nível das variáveis, mas a sua taxa de crescimento recente parece impactar as percepções de qualidade de vida das pessoas.

Pioneirismo — O IDH foi o primeiro índice social mundial, facilitando o pensar global, agir local. Entretanto, o

Correlação entre IDH Percebido e Respetivo Componente do IDH

	PRIVAÇÃO DE RENDA IN	RENDA OUT	SAÚDE IN	SAÚDE OUT	EDUCAÇÃO OUT
Correlação	-2,1215	0,4959	0,3779	0,9461	0,9245
Erro padrão	0,0212	0,0240	0,0235	0,0225	0,0194

Fonte: Microdados do Gallup World Poll 2006 e Human Development Report.

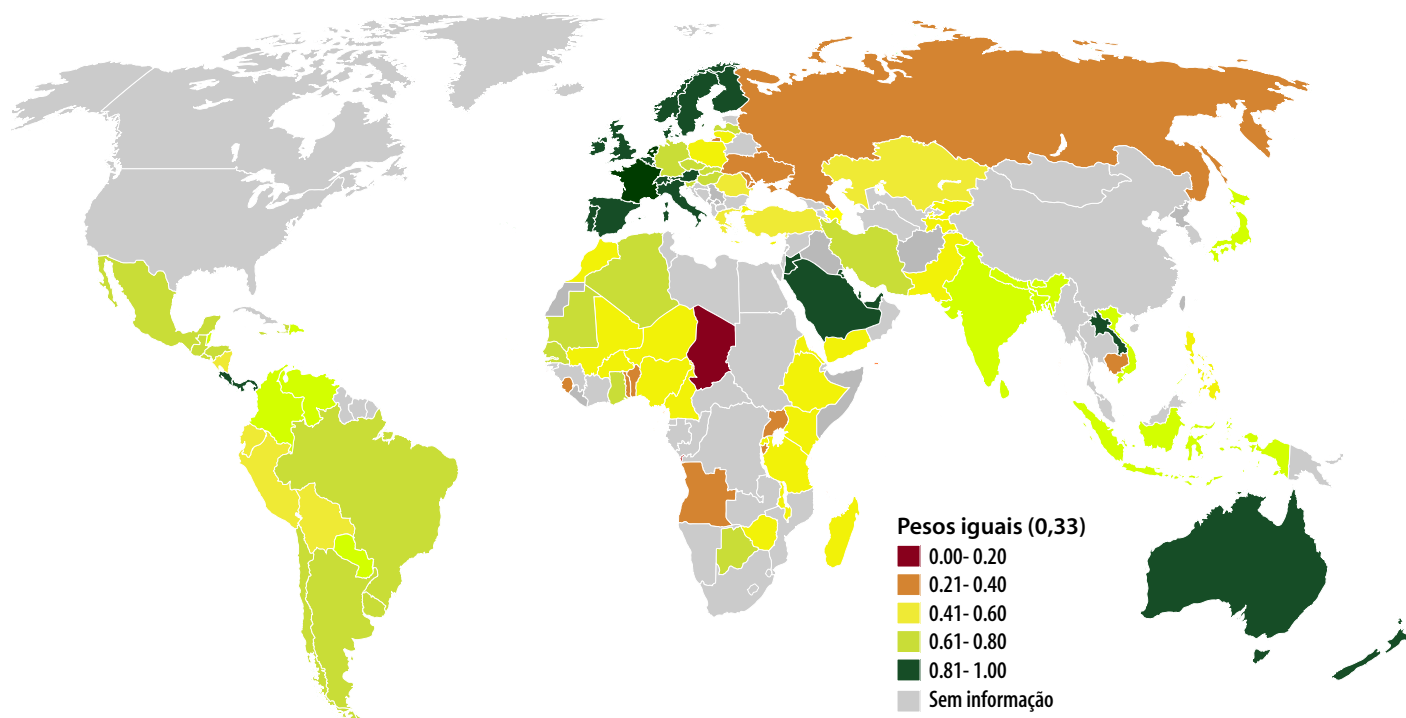
advento da globalização, afora efeitos palpáveis medidos nas variáveis do IDH, entre outras, suscita deslocamentos de percepções em relação a estas mesmas variáveis, o que pode alterar espaços para a adoção de políticas públicas em diferentes áreas. Nossa percepção dos efeitos da globalização está impregnada de ações cada vez mais espetaculares de grupos de pressão específicos (vide 11 de setembro, por exemplo), sobre os quais não sabemos a real representatividade neste admirável mundo novo. Talvez o aspecto mais espetacular do Big Brother de 1984 de Orwell não seja as câmaras de TV vigiando o dia-a-dia das pessoas, mas destas mesmas TVs transmitirem sobre o que acontece em sua volta e no mundo. Esta leitura de percepções e atitudes é a essência do campo de qualidade de vida que começa a ganhar massa crítica e respeitabilidade na economia, em particular a partir do Nobel de 2002 conferido a Daniel Kahneman, professor da Universidade de Princeton, por suas contribuições nesta área.

A base do Gallup World Poll permite aferir percepções em diversos campos nas diversas tribos da aldeia global. Nestas páginas

estudamos alguns aspectos como o indivíduo estabelece sua satisfação com a vida, medindo a importância do IDH e de seus componentes. Assim também como as percepções de satisfação de um indivíduo com sua renda, educação e saúde estão relacionadas com os respectivos valores objetivos destas variáveis tais como divulgados pela ONU. Esses exercícios fornecem *insights* sobre essa dinâmica do ponto de vista dos beneficiários, para entender o mecanismo que transforma os ingredientes-chaves de política social em percepções. Em termos agregados, propomos aqui o cálculo do IDH percebido como referência subjetiva complementar para os rankings globais do IDH já calculados. ■

O peso dos componentes objetivos do IDH na felicidade são: 66%, renda; 31%, saúde; e menos de 3%, educação

Mapa Mundi do IDH percebido



Fonte: CPS/FGV a partir do processamento dos microdados do Gallup World Poll 2006.